

CHINA E UNIÃO EUROPEIA: NOTAS SOBRE O HISTÓRICO DAS RELAÇÕES COMERCIAIS RECENTES E SUA SITUAÇÃO NO INÍCIO DA DÉCADA DE 2010

*Luiz Eduardo Simões de Souza
Maria de Fátima Silva do Carmo Previdelli¹*

Resumo: A China é a segunda maior economia e o maior exportador do mundo. Seu crescimento em 2012, atingiu 7,8%, e as estimativas internacionais preveem que a China pode estar a caminho de se tornar a maior economia do mundo até o final desta década, com um mercado interno de mais de dois bilhões de euros em potenciais consumidores. A ascensão da China como uma grande economia global foi impulsionada pela sua adesão à OMC em 2001, o que possibilitou a abertura da sua economia. Isso levou a China a se estabelecer como um grande *trader* global e maior exportador do mundo. Estas notas apresentam um histórico das relações comerciais recentes entre China e União Europeia, discutindo sua evolução em dinâmica e volume no comércio internacional.

Palavras-Chave: China, União Europeia, Comércio Internacional; Economia Internacional.

CHINA AND THE EUROPEAN UNION: NOTES ON THE HISTORY OF RECENT TRADE RELATIONS AND SITUATION IN THE EARLY 2010S

Abstract: China is the second largest economy and the biggest exporter in the world . Its growth in 2012 reached 7.8 % , and it is expected that China may be in the way to become the world's largest economy by the end of this decade , with an internal market of over two trillion euros in potential consumers . China's rise as a major global economy was driven by its WTO

¹ Doutores em História Econômica pela Universidade de São Paulo. Professores do curso de Economia e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social e Econômico da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mails: luiz.souza@ufma.br e maria.previdelli@ufma.br.

accession in 2001, which allowed the opening of its economy. This led China to establish itself as a major global trader and largest world exporter. These notes outline a history of recent trade relations between China and the European Union, discussing its evolving dynamics and volume in international trade.

Keywords: China, European Union; International Trade; International Economics.

CHINA Y LA UNIÓN EUROPEA: NOTAS SOBRE LA HISTORIA DE LAS RELACIONES COMERCIALES RECIENTES Y LA SITUACIÓN A PRINCIPIOS DE LOS 2010S

Resumen: China es la segunda economía más grande y el mayor exportador del mundo. Su crecimiento en 2012 alcanzó el 7,8%, y las estimaciones internacionales predicen que China puede convertirse en la economía más grande en el mundo a finales de esta década, con un mercado interno de más de dos billones de euros en consumidores potenciales. El ascenso de China como una economía mundial importante fue impulsado por su adhesión a la OMC en 2001, que permitió la apertura de su economía. Esto llevó a China a establecerse como un importante comerciante mundial y el mayor exportador del mundo. Estas notas muestran la historia de las relaciones comerciales recientes entre China y la Unión Europea, tratando de discutir sus dinámicas en evolución y el volumen en el comercio internacional.

Palabras clave: China, Unión Europea; Comercio Internacional; Economía Internacional.

1 Introdução

A China é a segunda maior economia e o maior exportador do mundo. Seu crescimento em 2012 atingiu 7,8%, e as estimativas internacionais preveem que a China pode estar a caminho de se tornar a maior economia do mundo até o final desta década, com um mercado interno de mais de dois bilhões de euros em potenciais consumidores. A ascensão da China como uma grande economia global foi impulsionada pela sua adesão à OMC em 2001, o que possibilitou a abertura da sua economia. Isso levou a China a se estabelecer como uma grande *trader* global e maior exportadora do mundo.

China e União Europeia estão negociando mais de • 1 bilhão por dia.

Há apenas duas décadas, a China e a União Europeia negociavam quase nada. Hoje, formam a segunda maior cooperação econômica no mundo. Em um período extremamente curto espaço de tempo, as duas economias têm se integrado a um ponto onde é difícil imaginar um sem o outro. O comércio bilateral de bens atingiu • 433.600.000.000 em 2012. O comércio de serviços, no entanto, ainda é dez vezes menor, atingindo cerca de 42,6 bilhões e continua a ser uma área cheia de potencial, se a China abrir seu mercado mais.

Estas notas apresentam um histórico das relações comerciais recentes entre China e União Europeia, discutindo sua evolução em dinâmica e volume no comércio internacional.

2 China e Europa no último meio século

2.1 Evolução das relações

Com a visita do então presidente dos EUA, Richard Nixon, em 1972, seria apenas uma questão de tempo e organização das forças dominantes no mercado europeu para que houvesse um movimento de reaproximação entre Europa e China.

Evidentemente, estava fora de questão o estabelecimento de relações assimétricas do tipo colonialista, como as impostas pelos europeus aos chineses durante os séculos XIV a XIX. Se, de um lado, o continente europeu terminava sua reestruturação no lado ocidental, após duas Guerras Mundiais e uma Depressão causada por uma crise capitalista até então nunca superada, do outro os chineses vinham da consolidação política e econômica da Revolução de 1949, que instaurara um regime popular socialista, o qual, na ocasião desvinculava-se da “liderança” soviética, buscando rumo próprio, no qual estaria sua estratégia de inserção no cenário internacional.

A Europa ocidental vivia um contexto oposto à época, exercitando sua dependência em relação aos EUA ao nível de tornar seu próprio território, objeto de conjeturas estratégico-militares desses últimos, via Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Portanto, a disposição da China em conversar com os EUA abria possibilidades também à Europa capitalista.

Tal disposição se fez acompanhar de uma postura bastante pró-ativa no campo das relações econômicas e de comércio internacional. Do lado

ocidental, passada a surpresa inicial, restavam duas constatações imediatas a respeito das relações comerciais com a China: em primeiro lugar, a escala do mercado ganharia números até então desconhecidos das estatísticas de comércio internacional. Em segundo lugar, a escala de produção da oferta chinesa tornaria o mercado internacional em um ambiente muito mais competitivo do que jamais houvera sido.

Mas, e os chineses? Que esperavam de uma reaproximação com o ocidente, sob aquele novo contexto? No caso, a questão é mais complexa do que parece à primeira vista, pois a concepção do cenário para a China levava em conta variáveis muito mais amplas e complexas do que somente a escala produtiva. O próprio tempo da conjuntura, e de sua análise, iria revelar-se distinto entre os pontos de vista europeu e chinês. Observar os resultados comerciais e partir de planos que iriam de um a cinco ou dez anos, da perspectiva dos chineses, significaria trabalhar em um escopo de curtíssimo prazo, insuficiente para a correta avaliação de objetivos estratégicos de planejamento econômico do país.

De toda forma, esse descompasso entre concepções de tempo e espaço não impediria a celebração de acordos comerciais entre Europa e China, e à medida que o mercado europeu foi-se integrando, a adaptação deste ao ambiente comercial com a China sofreu aperfeiçoamento correlato. Isso mostra que o custo do aprendizado e da constituição de um ambiente institucional favorável ao comércio sino-europeu revelou-se muito menor para a China.

O crescimento impressionante da China no comércio internacional, tanto em volume como em receita gerada ou valor agregado, nas duas últimas décadas do século passado, teria par apenas em sua continuidade por esta primeira década e meia do século atual. Nele, o papel da China passaria de “parceiro silencioso” de grande escala, a agente influente não apenas nas dinâmicas de trocas internacionais, mas também na própria composição da oferta internacional de bens e serviços, na divisão internacional do trabalho, e na estruturação das finanças internacionais. De maneira em sua maior parte mais reativa do que premeditada, o comércio das nações ocidentais teve de se adaptar não apenas ao tamanho, mas ao tempo e às práticas dos chineses. Sobre estes últimos, é justo dizer que esforçaram-se, de sua parte, em tornar o processo o mais rápido e dinâmico possível ao ocidente.

A Comunidade Econômica Europeia e a China estabeleceram relações diplomáticas em 06 de maio de 1975 quando da visita do Comissário Christopher Soames àquele país. Este seria o início de uma relação que completaria 40 anos em 2015 e levaria a diversos acordos bilaterais de comércio, desenvolvimento tecnológico, pesquisa energética, trocas no âmbito do geoprocessamento entre outras.

Três anos depois, em 1978, ocorreria a assinatura do Acordo Comercial Comunidade Econômica Europeia (CEE) - China e seria estabelecido um Comitê Misto para estudos relativos às possibilidades de troca entre os dois parceiros. Resultados concretos seriam sentidos em 1983 quando se lançou oficialmente o primeiro programa de cooperação científica e tecnológica, seguido em 1985 pela assinatura do Acordo de Cooperação Comercial e Econômica que levariam ao estabelecimento, em 1988, de uma Delegação permanente da Comissão Europeia em Pequim.

As relações entre a CEE e a China sofreram um breve abalo em 1989 quando da repressão violenta aos episódios da Praça Tian An Men pelo governo chinês que levaram ao congelamento dos tratados, e um embargo ao comércio de armas. Em 1990, o Conselho e o Parlamento Europeus decidiram reestabelecer uma etapa bilateral de relações e iniciaram novos diálogos com a China, incluindo a área ambiental.

Assim, apesar de que as relações com a Europa não constituírem a principal prioridade para a China, como eram por exemplo, as suas relações com os EUA, o Japão e outras potências asiáticas, o interesse em estreitar as relações levaram ao aumento dos contatos econômicos entre ambos nos anos 1990, fazendo com que o comércio UE-China aumentasse mais rapidamente do que a própria economia chinesa, triplicando em dez anos. Dessa forma, de cerca de US\$14.3 bilhões negociados em 1985, o volume transacionado em 1994, chegou a US\$45.6 bilhões. Em termos anuais, as transações comerciais entre UE e China cresceram 63% em 1993, quando comparadas ao ano anterior, tornando a China o quarto maior parceiro comercial da Europa nesse momento. Mesmo após a crise financeira em 1997, o comércio UE-China aumentou cerca de 15% em 1998.

Entre os países da UE, a França liderava as conversas com vistas a aprofundar os laços comerciais, e, junto com a Rússia, foi o primeiro país europeu a estabelecer parcerias estratégicas com a China.(http://eeas.europa.eu/china/index_en.htm).

Em 1998, ocorreu a Assinatura do Acordo de Cooperação Científica e Tecnológica entre a Comunidade Europeia e o Governo da República Popular da China, um passo importante para a assinatura do acordo bilateral sobre a adesão da China à OMC assinado em Pequim em 2000. No ano seguinte, o país se tornaria o 143º membro da Organização Mundial do Comércio.

O novo século intensificaria as relações UE-China com assinatura de novos acordos e tratados de cooperação como o Acordo de Cooperação no programa de navegação por satélite Galileo (2003) e o Acordo de Pesquisa e Desenvolvimento de Cooperação nos Usos Pacíficos da Energia Nuclear (2008). Por fim, os anos de 2014 e 2015 dariam início às rodadas de diálogo sobre as possibilidades de investimentos e abertura de mercados e operações financeiras conjuntas, e a primeira década do século XXI se encerraria com crescimento de transações. Desse modo, entre 2009 e 2010, as exportações da União Europeia (UE) para a China aumentaram 38% e as exportações da China para a UE cresceram 31%. A maior parte desse comércio é de produtos industriais e manufaturados.

Tabela 1: Comércio da União Europeia com a China, 2008 – 2012, em milhões de Euros

	2008	2009	2010	2011	2012
Importações	247.815	214.238	282.509	293.692	289.915
Exportações	78.276	82.391	113.426	136.372	143.874
Saldo	-169.539	-131.847	-169.083	-157.320	-146.041

Fonte: Base de dados Eurostat.

Tabela 2: Comércio da União Europeia com a China, % do total negociado na EU

	2008	2009	2010	2011	2012
Importações	15,7	17,4	18,5	17	16,2
Exportações	5,9	7,5	8,3	8,7	8,5

Fonte: Base de dados Eurostat.

Ainda nos anos 2000-2010, as relações comerciais entre China e UE sofreram alguns abalos como a disputa relativa aos têxteis, onde parte dos países da UE pediram embargo ou sobretaxas à entrada de tais produtos no mercado europeu numa forma explícita de protecionismo da indústria local. No entanto, a parceria passou a incluir transações mais arriscadas. Desse modo, por exemplo, a China se juntou ao projeto Galileo, investindo

cerca de • 230 milhões. Também foi fechado um acordo para compra de 150 aviões da Airbus pelo governo chinês em 2006. Em contrapartida, apesar do embargo da venda de armas, fontes dos EUA divulgaram que somente no ano de 2003, a UE teria vendido um total de • 400 milhões em “exportações de defesa” que incluíram tecnologia de submarinos e radares.

No final da década, mais especificamente durante a crise da dívida europeia, enquanto os governos de diversos países da Zona do Euro recorriam a empréstimos de resgate ao Fundo Monetário Internacional e do Banco Central Europeu, a China realizava compras de bilhões de euros em títulos de alto risco da zona euro, em particular da Grécia, Irlanda, Itália, Portugal e Espanha. Alguns analistas sugeriram que a China estava comprando influência política na UE, mas a China defende que tais operações, na verdade visam a construção de fortes laços comerciais.

Em 2015, a UE passou a ser o maior parceiro comercial da China representando cerca de 14% do comércio externo daquele país. O comércio bilateral entre UE-China em termos de mercadorias, atingiu • 467,5 bilhões em 2014, e aumentou 9,1% em relação ao ano anterior. A China é o segundo maior parceiro comercial da UE, depois de os EUA. Em 2014, as importações da UE provenientes da China valiam • 302,5 bilhões, enquanto as exportações da UE para a China atingiram • 165 bilhões. Tal comércio bilateral representava à época 3,3% do PIB da UE, e de 6,2% do PIB da China.

As trocas na área de serviços e investimentos estão crescendo. Em 2013, a UE e a China efetuaram um comércio total nos serviços na casa dos • 49.9 bilhões, com um pequeno superávit comercial da UE, constando de cerca de • 8,1 bilhões. Adicionalmente, a Europa é uma dos cinco principais fontes de IDE para a China. No entanto, o IDE Europeia diminuiu de • 10,0 bilhões em 2012 para • 8,2 bilhões em 2013. Embora a Europa continue a ser uma das cinco maiores fontes de IDE para a China, esses investimentos representam apenas 4,8% do total de fluxos de IDE da UE. Ou seja, embora se observe uma trajetória de lenta expansão, o investimento chinês na Europa representou cerca de 4,2 bilhões em 2013.

2.2 Política externa China - UE

A entrada em vigor do Tratado de Lisboa, em 2010, criou novos mecanismos importantes para a condução da política externa da UE, criando

os seguintes cargos:

- Um Presidente permanente do Conselho Europeu, que representa a UE em importantes encontros internacionais realizados no Chefe de Estado ou de Governo;

- Um Alto Representante para os Negócios Estrangeiros e a Política de Segurança nomeado pelos chefes de Estado e de Governo da UE, e que preside às reuniões de Ministros dos Negócios Estrangeiros da UE. Ao mesmo tempo, exercendo a função de vice-presidente da Comissão Europeia. Como resultado, o diálogo político com a China passou a ser conduzido por representantes das instituições europeias (no passado, o país que detinha a presidência rotativa da UE presidia as reuniões, em conjunto com a Comissão Europeia).

Em Pequim, a UE possui representação oficial na figura da Delegação da União Europeia na China, que realiza todas as diligências locais em relação às autoridades chinesas (exceto em questões consulares).

Adicionalmente, programou-se a reunião anual de cúpulas, ao nível dos Chefes de Estado ou de Governo, tanto na China quanto em Bruxelas. A UE é representada pelo Presidente do Conselho Europeu e o Presidente da Comissão Europeia, assistido pelo Alto Representante Europeu para a Política de Segurança / Vice-Presidente da Comissão Externa cujo objetivo é ampliar o diálogo político regular sobre questões de política estratégica e assuntos estrangeiros.

Reuniões extras ocorrem quando necessário entre o Alto Representante da UE para os Negócios Estrangeiros e a Política de Segurança / Vice-Presidente da Comissão e o Ministro dos Negócios Estrangeiros da China, além de reuniões anuais em paralelo à Assembleia Geral das Nações Unidas.

Ocorrem também reuniões, pelo menos uma vez por ano entre a UE e especialistas chineses sobre o controle de armas de pequeno calibre e armamento, bem como, uma reunião a cada seis meses entre o Ministro dos Negócios Estrangeiros da China e os Embaixadores da União Europeia realizada em Pequim. (Fonte:<http://ec.europa.eu/trade/policy/countries-and-regions/countries/china/>)

2.3 Posição atual e novas tentativas de entendimento

Em termos comparativos, o comércio entre União Europeia e China apresenta a segunda posição em volume de transações, sendo a China o segundo maior parceiro comercial da UE, vindo apenas atrás de EUA.

Não apenas a UE é o maior importador de produtos Chineses como também viabiliza suas exportações em larga escala para aquele mercado. Segundo dados de 2013 (<http://ec.europa.eu/trade/policy/countries-and-regions/countries/china/>), o total de transações entre os dois mercados era superior a um bilhão de euros por dia.

A pauta de exportação chinesa com destino à UE é dominada por produtos industrializados e de consumo final como máquinas e equipamentos, calçados, roupas, móveis, brinquedos e semelhantes. Já a pauta de exportações europeia com destino à China é dominada por produtos químicos, veículos aéreos e terrestres, máquinas e equipamentos.

No setor de serviços, contudo, o comércio bilateral não chega a 20% do total transacionado em produtos. Tal quadro leva a um déficit nos resultados da UE, agravado pelas barreiras de acesso ao mercado chinês.

Na área de investimentos, a China representa 2 a 3% do total de investimentos externos da União Europeia. No início de 2014, delegações dos dois gigantes se encontraram para tentar um plano conjunto de aumento nos acordos de investimento em vigor. No ano anterior, 2013, começaram as negociações para um Acordo de Investimentos compreensivo entre UE-China visando eliminar barreiras restritivas à atuação de investidores externos em seus mercados.

3 Algumas informações quantitativas

A China tornou-se um dos mercados de mais rápido crescimento para as exportações europeias. Em 2012 as exportações para a China aumentaram 5,6%, atingindo um recorde de • 143.900.000.000. A UE é também o maior destino de exportação da China, com • 289.700.000.000 de bens em 2012 (tabelas 1 e 2). Isso produziu um déficit comercial de • 145.800.000.000 com a China, no mesmo ano, uma queda de 6,6% em relação a 2011, e para baixo de 13,9% em relação ao recorde de 2010 de • 169.300.000.000. O déficit comercial da Europa com a China é causado principalmente por

setores como equipamentos de escritório e de telecomunicações, calçados e têxteis, ferro e aço.

Tabela 3: Comércio União Europeia-China em 2012, por produto (% do total negociado)

Importações da UE da China			
	2008	2010	2012
Produtos Primários	3,90%	3,10%	3,30%
Manufaturados	95,70%	96,50%	96,30%
Ferro e aço	3,10%	1,10%	1,20%
Químicos	3,80%	3,90%	4,50%
Semi-manufaturados	8,50%	7,50%	8,00%
Maquinaria e equip. transporte	46,30%	51,30%	50,20%
Têxteis	2,30%	2,30%	2,50%
Roupas	11,00%	10,80%	10,10%
Outros Manufaturados	20,80%	19,50%	19,80%
Outros	0,30%	0,30%	0,30%
Exportações da UE para China			
	2008	2010	2012
Produtos Primários	11,10%	11,70%	14,10%
Manufaturados	86,10%	86,50%	84,70%
Ferro e aço	3,30%	1,80%	1,50%
Químicos	10,70%	11,00%	11,70%
Semi-manufaturados	5,10%	4,90%	4,50%
Maquinaria e equip. transporte	59,50%	61,40%	58,50%
Têxteis	0,90%	0,80%	0,70%
Roupas	0,30%	0,40%	0,60%
Outros Manufaturados	6,30%	6,30%	7,10%
Outros	1,90%	1,30%	0,80%

Fonte: Eurostat.

Cerca de metade dos produtos exportados da China são produzidos por empresas estrangeiras de países vizinhos como Japão, Taiwan, Hong Kong e Coreia do Sul que têm um papel dominante neste chamado processo de “transformação do comércio”, onde os componentes importados são montados na China e exportados como produtos acabados. O papel das empresas europeias em regime de comércio de processamento da China, no entanto, é limitado. Além disso, embora as importações da China tenham aumentado, a participação das importações totais da UE na Ásia manteve-se relativamente estável ao longo da última década.

Instrumentos de defesa comercial da UE cobrem apenas cerca de 1% do total das suas importações da China devido às suas medidas de defesa

comercial, as quais não são instrumentos protecionistas, que são os procedimentos legais, em conformidade com as normas internacionais e têm como objectivo abordar as práticas comerciais desleais. A UE baseia os seus instrumentos de defesa comercial em procedimentos rigorosos e não político. Em 9 de abril de 2013, a UE tinha 52 medidas anti-dumping e duas medidas anti-subsvenções em vigor contra as importações chinesas.

Tabela 4: Comércio Internacional União Europeia - China em comparação com o total da oferta e demanda europeia em relação ao resto do mundo, 2012.

Produto	% do Total	Produto	% do Total
Máquinas e equipamentos elétricos	38,90%	Máquinas e equipamentos elétricos	33,60%
Texteis e artigos texteis	12%	Veículos, aviões, navios e associados	24,50%
Manufaturados diversos	8,80%	Químicos e assemelhados	9,20%
Insumos metálicos	6,10%	Insumos metálicos	8,50%
Químicos e assemelhados	4,10%	Equip. ópticos, e de precisão	5,60%

Fonte: Base de dados Eurostat.

Apenas 1,4% do fluxo total de investimento estrangeiro direto (IED) na Europa vem da China de acordo com dados do Eurostat. Assim, em 2011, os investimentos chineses para a UE só contava para 1,4% do investimento direto estrangeiro total na UE. Por outro lado, a participação dos fluxos totais de IDE da UE para a China fica em uma constante de 20% de todo o IDE, o que faz com que 27 Estados-Membros da UE juntos representem um dos cinco melhores provedores de IDE para a China, juntamente com Taiwan, Hong Kong, o Japão e EUA. As empresas da UE investiram • 17800000000 na China em 2011, com o IDE chinês para a UE no valor de • 3,1 bilhões em 2011. Parte do investimento externo chinês é, contudo, encaminhado via Hong Kong.

A Tabela 5 mostra um comparativo do volume do comércio entre China e UE em comparação com o resto do mundo, em 2012:

Tabela 5: China e União Europeia, comércio internacional em comparação com o Resto do Mundo, 2012.

Produto	Importação	Exportação
Produtos minerais	32,10%	7,70%
Máquinas e equipamentos	19,90%	26,70%
Produtos químicos e semelhantes	8,10%	4,50%
Veículos, aviões, navios e associados	5,30%	15,20%
Insumos metálicos	5,20%	6,80%
Comércio UE com a China		
Produto	Importação	Exportação
Máquinas e equipamentos	47,80%	33,60%
Têxteis e produtos têxteis	12,00%	1,70%
Insumos metálicos	6,10%	8,50%
Produtos químicos e semelhantes	4,10%	9,20%
Veículos, aviões, navios e associados	2,80%	24,50%

Fonte: Base de dados Eurostat.

Dada a expansão do comércio entre China e União Europeia, um dado não deixa de chamar a atenção por seu contraste. No final de 2011, os bancos estrangeiros representavam apenas 1,93% do mercado chinês. Não por falta de interesse das empresas europeias de serviços financeiros, segundo indicam as pressões organizadas pelo setor junto ao Parlamento Europeu para que pressione a China a abrir seu mercado a essas empresas. Aparentemente, o limite da abertura comercial chinesa encontra-se bem definido.

4 Considerações finais

O estudo dos resultados das relações comerciais recentes entre China e Europa situa-se entre dois processos históricos, a princípio distintos, mas com um denominador comum. Sua compreensão passa, necessariamente, pelo mapeamento desse contexto, sem o qual tem-se apenas a aridez de análise da identificação de flutuações, conjunturais ou desconexas, sem grande relação entre si ou com alguma identidade.

Em primeiro lugar, há o processo de expansão e abertura da China ao comércio internacional, o que deve ser visto sob a estratégia de agente da oferta e de mercado consumidor. Em ambas as perspectivas, há aumento significativo da escala e incremento na intensidade do fator produtivo

trabalho, o que, sem dúvida, pressionou as estruturas de custos produtivos e transacionais do restante do mundo. Nesse sentido, a estratégia chinesa encontrou certa coadunação com a do centro do sistema capitalista, o que transformou a China em um dos principais parceiros comerciais e em agente protagonista do processo mais amplo de globalização do capital, sobretudo em seu lado produtivo.

Sob o escopo da demanda chinesa, observa-se também o papel relevante que o país teve, como comprador em escala crescente não apenas de produtos intensivos em tecnologia, mas também de produtos primários, o que mascarou, de certa forma, a deterioração dos termos de troca dos países primário-exportadores, e aliviando, também de certa forma, uma pressão nas políticas domésticas de ajuste macroeconômico desses estados nacionais que, de outra forma, seria ainda mais rigorosa em especial nos ajustes cambiais e do balanço de pagamentos, estendendo os períodos de “alta” dos ciclos econômicos, sob a forma de “bem-estar cambial”.

Em segundo lugar, há a integração do continente europeu em âmbito comercial, financeiro e, em menor intensidade, político e territorial. Esse movimento de integração, tão decenário quanto o chinês, buscou adaptar as instituições europeias aos padrões desejados pelo centro dominante quanto às práticas comerciais, financeiras e econômicas em geral, ao fim. A padronização de políticas macroeconômicas, e em última análise, a castração das políticas econômicas nacionais, seguiu essa linha.

É preciso, ainda, compreender os dois movimentos supracitados dentro de um outro, maior, qual seja a globalização produtiva e do capital, que impôs todo um conjunto de relações em uma nova divisão internacional do trabalho. O fato de a China oferecer vantagens competitivas frente a outros mercados, assim, apresenta-se em sua forma invertida, sob a lógica globalizante: a competitividade chinesa é apresentada antes como efeito do que como o resultado da adaptação da estrutura econômica do país à lógica do capital e do comércio internacional.

A Europa, por sua vez, se apresenta como agente passivo na adoção de políticas macroeconômicas de ajuste e não como o resultado de adaptações estruturais que lhe conferem o status de criaturas, não de criadores.

A dinâmica da relação entre China e Europa ainda não está clara quanto ao futuro. A inserção chinesa no mercado europeu, ainda que tenha ocupado espaços, não realizou as expectativas de plena transformação dos novos

territórios. As empresas estrangeiras ainda enfrentam uma série de barreiras comerciais na China, cujo governo utiliza normas específicas de cada país que os concorrentes estrangeiros acham difícil de cumprir. Também se aplicam restrições à exportação de matérias-primas. Outras questões que dizem respeito a negócios internacionais na China são a falta de condições de concorrência equitativas para os estrangeiros, os subsídios e as questões de financiamento, transparência e previsibilidade no governo e regulamentação.

Quanto ao parceiro comum – os EUA – há identidades, mas também diferenças importantes na relação. Ainda que sejam parceiros comerciais imprescindíveis para europeus e chineses, os EUA têm disparidades de tratamento bastante definidas para com os aliados da OTAN e os parceiros comerciais majoritários.

No longo prazo, a importância da China como um mercado estratégico só pode aumentar. A cada ano, 20 milhões de famílias chinesas ultrapassam o limite de renda familiar de US\$13, 500 (dados da ONU), um limiar em que famílias de classe média tornam-se capazes de pagar bens e serviços essenciais, como carros. Isso se traduz em oportunidades de crescimento extraordinárias para as empresas europeias. Também deve ser notado que, mesmo se a taxa de crescimento do PIB da China está gradualmente desacelerando, seu PIB nominal deve continuar a crescer a um ritmo intenso para os padrões ocidentais.

Referências

1. Base de Dados:
- Eurostat: (<http://eurostat.eu>)

2. Relatórios:

CHINA, EUROPEAN UNION. *DG Trade Statistics. Bilateral Trade and Trade with the World*. EEC, 2012.

EUROPEAN UNION. *European Commission: Directorate General for Trade*. EEC, 2013 (<http://ec.europa.eu>)